

Catadores são expulsos, mas voltam

Catador de papel e papelão, o baiano Messias Gonçalves dos Santos, 46 anos, mora com a esposa e os quatro filhos em uma invasão no Setor de Clubes Sul. Há 15 anos ele vive com a família em áreas ocupadas irregularmente. Antes de morar no Setor de Clubes, eles tinham um barraco em um antigo assentamento perto do Palácio do Jaburu.

"Tiraram a gente de lá e cercaram a área. Se não tivessem feito isso, todo mundo tinha voltado. Agora estamos aqui. Toda vez que nos expulsam, passamos três, quatro dias fora, e depois voltamos. Na última retirada,

que foi há mais ou menos um mês, levaram até nossas panelas", lamenta. A esposa Damiana Farias da Silva, 43 anos, afirma que não voltaria para a Bahia com o marido. "Lá a gente se oferecia para trabalhar nas roças, mas na estiagem faltava serviço e a gente passava fome. Com esse rebanho de filhos não dá. Aqui está melhor", afirma.

Os filhos mais velhos do casal, João Pedro, 11 anos; Gabriel, 10; e Dauane, 6 anos, freqüentam uma escola pública na Vila Planalto. O menor, Osmar, 3 anos, acompanha os pais quando eles saem para catar papelão.

Já Argemira Petrina da Silva, 51 anos, e o marido, Aurino Costa Silva, contam que têm casa em Santo Antônio do Descoberto (GO). Há mais de dez anos, no entanto, os dois vêm para Brasília durante a semana para trabalhar como catadores de papelão e latinhas, e dormem em uma invasão na 909 Norte.

"É o nosso sustento. Já vieram aqui, cadastraram a gente para fazer cooperativa, mas não deu em nada. Pelo menos hoje tratam a gente bem e só levam embora a lona e as madeiras quando vêm tirar a gente da invasão. Há uns anos, chegavam

a botar fogo nas nossas coisas. Uma vez, queimaram uns papelões que eu tinha juntado para vender. Chorei dois dias seguidos", lembra-se Argemira.

Ana Paula Costa, 32 anos, é filha de Argemira e mora em Samambaia. Ela conta que já faz alguns anos que não trabalha na invasão, e que hoje vem ao Plano Piloto apenas visitar a mãe e levar a filha de dois anos ao médico. Ana Paula acredita, no entanto, que logo terá que voltar a trabalhar como catadora de papelão. "Eu e meu marido estamos desempregados e nosso aluguel está atrasado há dois meses", diz.